



● A tragédia do RS ● Pós-enchente

— Processo de recuperação será lento e exigirá comprometimento

As lições do Katrina para reconstruir o Sul do Brasil



ISABELA MOYA

Milhares de quilômetros de casas destruídas e cidades alagadas – a cena que hoje assola o Rio Grande do Sul aconteceu há 19 anos, em agosto de 2005, nos EUA, quando o Furacão Katrina destruiu Nova Orleans e regiões ao redor. A catástrofe custou mais de US\$ 120 bilhões aos cofres do governo americano. Até hoje, porém, a capital de Louisiana não voltou a ter a mesma quantidade de habitantes pré-Katrina.

Apesar de serem fenômenos meteorológicos diferentes – furacão e tempestade –, ambos foram desastres naturais e climáticos com fortes prejuízos às sociedades afetadas. A recorrência de eventos extremos na Região Sul sofre influência do aquecimento global impulsionado pelas atividades humanas, apontam os especialistas. “Mudanças climáticas são ações provocadas por nós, seres humanos, a ponto de que conseguimos mudar a dinâmica atmosférica e climática do mundo inteiro. Os fenômenos atmosféricos, como furacões, chuvas, estiagens, tempestades, têm ficado cada vez mais intensos, tanto em quantidade

como também na força com que chegam às localidades”, afirma a internacionalista e geógrafa Tatiana Leite Garcia, que atua como consultora e é doutora em Geografia Humana na Universidade de São Paulo (USP).

“Por causa de alguns governos e pessoas não acreditarem nos estudos relacionados às mudanças climáticas e da ultrapassagem das fronteiras ambientais, isso também reflete no descaso dos investimentos em infraestrutura e educação para prevenção de desastres socioambientais”, diz ela.

Nos EUA, é melhor
Ao contrário do Brasil, pela frequência de furacões na região do Golfo, há um sistema de alerta bastante robusto

Considerando as semelhanças e diferenças entre os dois episódios, o que o Brasil pode aprender com o processo de recuperação de Nova Orleans após o Katrina para reconstruir o Rio Grande do Sul? E o que pode ser feito para evitar que novos episódios semelhantes aconteçam?



AMANDA PERIBELLI/REUTERS - 19/5/2024

TERRITÓRIO. Nova Orleans está às margens do Lago Pontchartrain e do Rio Mississippi, em uma área abaixo do nível do mar, e dispunha de diques para se proteger das águas. Já no Rio Grande do Sul não há cidades abaixo do nível do mar, mas o Estado é cortado por rios e lagoas, como a dos Patos e o Lago Guaíba, e apresenta diversas barragens. A capital tem ainda um sistema de diques projetado para proteger contra as cheias do Guaíba.

Essas características geográficas fazem com que ambos os territórios sejam mais propícios a alagamentos. “Ambas as cidades têm elementos em comum de presença de corpos de água e um sistema de contenção de enchentes precário”, afirma Tatiana.

Enquanto no Rio Grande do Sul o impacto territorial foi

Para comparar em números
Impacto territorial foi maior em terra gaúcha, mas número de mortos e desalojados foi maior na capital da Louisiana

maior do que na região de Nova Orleans – com 3,8 mil quilômetros afetados no Brasil e 2,4 mil quilômetros nos Estados Unidos –, o número de pessoas afetadas pelo Katrina pode ter sido ainda superior: mais de 1 milhão de pessoas chegaram a ficar desalojadas em algum momento, considerando não apenas a capital de Louisiana como toda a região do Golfo do México. Parte desses moradores retornou a suas casas dias depois, mas após um mês do furacão ainda havia em torno de 600 mil pessoas desalojadas. Houve ainda cerca de 1.400 mortes causadas pelo Katrina na região.

Já no Estado gaúcho, por enquanto, foram contabilizadas 581 mil pessoas desalojadas e 169 mortes. Esses números, porém, serão atualizados nas próximas semanas, com o fim

das enchentes.

PREVISÃO. Ao contrário do Brasil, nos Estados Unidos, por causa da alta frequência de furacões na região do Golfo do México, há um sistema de alerta bastante robusto, segundo Tatiana. No dia anterior à tragédia, a prefeitura de Nova Orleans emitiu uma ordem de evacuação obrigatória. Louisiana ativou seu plano de resposta a emergências e foi feito o maior esforço de esvaziamento da história dos Estados Unidos.

“É difícil imaginar a amplitude total dos eventos que ocorreram e a duração do impacto prolongado dessa tempestade, mas havia modelos que previam impactos de tempestades e furacões de tamanho equivalente à posição geográfica da cidade, que apontavam os pontos fracos da infraestrutura. Além disso, furacões significativos anteriores (*especialmente o Betsy-1965*) e enchentes (*a do Mississippi em 1927*) forneceram também alguns pontos de referência históricos para possíveis eventos futuros”, diz a professora da Universidade de Louisiana em Lafayette, Liz Skilton, especialista em história da resposta humana a desastres.

Apesar dos esforços para ☺